

Ascensão e queda dos cinemas de Copacabana

Carlos Alberto de Mattos*

“Mlle. Yolanda é de uma real belleza, é quasi ou mais formosa que Zezé Leone. Seus negros cabellos cortados à ingleza dão-lhe um aspecto encantador; seus olhos, scismadores, nos captivam; seu nariz é uma perfeição, e que boquinha mimosa!, é formoso cofre onde são guardadas as mais bellas pérolas que são seus alvos dentes. Enfim, em conjunto, Mlle. é deliciosamente bella. Frequenta o Atlântico, onde é muito admirada, aprecia muito a dança, adora o flirt, o único sport que Mlle. cultiva, justamente por ser flor de um dia que a mais suave brisa desfolha; ella é muito criança...”

Assinada por um(a) misterioso(a) *Sempre-Viva*, a parnasiana descrição de Mlle. Yolanda saiu em 1923 no semanário *Beira-Mar*, um dos primeiros jornais inteiramente dedicados a Copacabana. Em meio à adjetivação transbordante conferida à senhorita, a expressão “frequenta o Atlântico” entrava como marca de distinção social e evidência estética. Frequentar o Atlântico, o segundo grande cinema de Copacabana, era um ritual a que não faltavam nem as “sereias” nem os “tubarões” do bairro.

Bairro? Copacabana era então um subúrbio, um feudo aristocrático separado do resto da cidade pela demarcação dos túneis, recanto residencial e de comércio luxuoso. O tom de *dolce vita* era dado pelo *Beira-Mar*, tablóide mundano que circulava aos sábados, pródigo em autodefinições como “único jornal ilustrado das praias do Brasil” ou “repositório de tudo o que se passa nos bairros atlânticos”. Seu repertório era de reportagens, contos, “fantasias”, anedotas, “chroniquetas” e, naturalmente, a programação dos cinemas de Copacabana e Ipanema.

Embora criado em 1922, é nas páginas do *Beira-Mar* que vamos encontrar o relato dos primórdios do cinema em Copacabana. O primeiro tinha o nome do bairro e abriu em setembro de 1909, no n. 30 da Praça Malvino Reis, atual Serzedelo Correia. Tinha apenas 160 poltronas e cadeiras de palha, insuficientes para viabilizar o negócio da firma Sá Ferreira & Cia. O público ainda preferia tomar o bonde e descer para as grandes salas da Cinelândia e da Avenida Central (atual Rio Branco). O Copacabana resistiria bravamente por três anos, sempre abarrotado com a “juventude dourada dos bairros praianos, do Leme à Igreja”.

Em 1913 surgiria o segundo Cinema Copacabana, no n. 53 da regurgitante Rua Barroso (hoje Siqueira Campos). Era outra sala acanhada, desconfortável e cheia de

erros de concepção. O proprietário, Joaquim Simões Galvão dos Santos, não foi capaz nem de arcar com os pesados encargos do negócio, nem de coibir o abuso na concessão de ingressos gratuitos a todos os parentes, amigos e conhecidos. Em 1917 fechava suas portas e encerrava a idade da inocência e do fracasso no ramo da exibição. O golpe mortal fora a inauguração, um ano antes, do rico e espaçoso Cinema Americano, o primeiro a fazer história no bairro.

Quando chegaram os anos 20, o cinema já era a maior diversão da cidade. Além do Americano, Copacabana já contava com o Atlântico, aberto em 1919 sob uma onda de pessimismo logo desfeita com a grande afluência do público. Instalado num charmoso prédio com três torrinhãs na Avenida N. Sra. de Copacabana n. 580, o Atlântico passaria a ser um dos centros da vida elegante na região das praias.

Foi lá que o *Beira-Mar* promoveu um badalado concurso de beleza em 1923 para eleger “a mais formosa frequentadora”. Para entregar o prêmio (um relógio de ouro) à vencedora Palmyra Castro o jornal organizou, no próprio cinema, uma festa composta da exibição de filmes, conferência sobre a mulher brasileira, récita de poesia, *performance* de músicos clássicos e cantores líricos, números humorísticos, apresentação de uma banda militar — e farta distribuição de bombons *Gostosos* e pô-de-arroz *Lerida* às convivas.

Em Copacabana o cinema era um espaço de sonho e sedução. Enquanto na tela tudo girava em torno de Hollywood — com os ídolos sendo tratados na intimidade: Gable, Carole... —, na platéia reinavam o galanteio e o auto-enaltecimento de uma elite vaidosa. Faltava água todo dia, mas isso não impedia que os cronistas do *Beira-Mar* comparassem seu “bairro de gente asseada” às praias de Deauville, Biarritz, Coney Island e do Lido de Veneza. Em matéria de lazer, o cinema só rivalizava com o *flirt* na Avenida Copacabana, o *footing* na Altântica e as partidas de peteca na areia. Como ponto de atividade social, concorria com os clubes e as missas de domingo, onde as gentis senhorinhas e distintas senhoras iam em peso se aliviar das culpas da semana e exhibir seus últimos vestidos e chapéus. A aliança entre a imprensa e os negociantes promovia uma imagem de ininterrupta felicidade entre os moradores, uma identificação permanente com o êxtase romântico importado com as latas de filme.

Ainda nos anos 20 o engenheiro Luiz Severiano Ribeiro arrendaria o Americano e o Atlântico, expandindo as ini-

Os cinemas baianos: decadência e pornôs

Luiz Severiano de Albuquerque



Em 1916 os moradores de Copacabana assistiram à inauguração do Americano, o terceiro cinema do bairro.

ciativas do centro da cidade. Essas duas salas continuariam a reinar na década seguinte, e lá as “sereias” podiam se deliciar com as matinês femininas, todas as terças e quartas-feiras. Os programas geralmente constavam de um longa-metragem, um desenho curto e um cinejornal. O Americano anunciava em agosto de 1933 “uma obra-prima do cinema português”: *A Severa*, “um dos poucos films que sustentaram dois meses de exhibições contínuas na Cinelândia”.

Nesse mesmo ano o *Beira-Mar* divulgava a construção próxima de mais dois cinemas em Copacabana: o Lido e o Cine Theatro Atlântico, ambos de Luiz Severiano Ribeiro. Enquanto isso, não muito longe dali, o Clube Caiçaras ganhava o direito de construir sua nova sede na ilha

dos Caiçaras (na Lagoa Rodrigo de Freitas) para melhor desenvolver atividades de eugenia racial, louvadas pelo *Beira-Mar* como “programa estreitamente ligado ao melhoramento physico da nossa mocidade”.

Em 1936 Copacabana contava com mais um cinema — o Varieté, com sessões exclusivamente noturnas. Ipanema já tinha o seu Cine Ipanema (na Praça General Osório) e ganhava o moderníssimo Pirajá. Quem assistiu a *O Galante Mr. Deeds*, de Frank Capra, na inauguração do Pirajá ficou encantado com a supressão dos intervalos nas trocas de rolo. É que o novo cinema trazia para o Brasil “um dispositivo electro-automático de commutação que torna essa passagem despercebida pelo público”.

O crítico Walter Rocha, do *Beira-Mar*, aproveitava a oca-

Ascensão e queda dos cinemas de Copacabana

Cartão: *Alameda de Mariz*

Espaços do Sonho



Durante a década de 70 muitos cinemas da Zona Sul carioca foram fechados, como o Miramar, no Leblon.

sião de festa para puxar a orelha dos diretores de cinema brasileiros pelo mau desempenho dos atores vindos do rádio para as telas. “Para os films de Tarzan”, aconselhava, “os clubs de regatas estão cheios de big-boys de pelle queimada, dentes bonitos e louquinhos para enfrentar uma camera cinematographica nas mattas da Tijuca”.

Corta para 1959. Já não se tem notícia do *Beira-Mar*. “Copacabana é hoje uma cidade”, proclamava uma atuante e entusiasmada moradora, a cronista Eneida — que escreveu com Paulo Berger uma *História de Copacabana*. O bairro continuava fervilhante, com praias lotadas, dezenas de cantinas e boates com nomes estrangeiros, teatros com espetáculos sempre alegres, arranha-céus. E 10 cinemas, a maioria na Avenida Atlântica.

Corta para 1986 — e temos um cinema a menos. São agora nove salas, das quais apenas duas (Roxy e Gaumont)

merecem classificação acima do razoável e outras três (Bruni, Ricamar e Jóia) são verdadeiros atentados à memória de Lumière. De 1950 para cá, Copacabana perdeu o Ritz, o Alvorada, o Royal, o Alaska, o Metro, o Caruso e o Rian; em Ipanema desapareceram o Ipanema, o Astória, o Pirajá e o Pax; no Leblon, o Miramar; no Leme, o Danúbio e o Leme.

Copacabana perdeu a alma, perdeu o charme. E o cinema perdeu sua aura e sua função social. A euforia dos anos loucos contrapõe-se hoje o abandono. Os cinemas não escaparam à decadência do bairro e, enfiados em galerias soturnas, eternizam a denominação de *poeiras*.

* Baseado em pesquisa de Fernando Campos no semanário carioca *Beira-Mar* (1922-1941).